

## **AUMENTATIVOS E DIMINUTIVOS: DESCRIÇÃO E ENSINO EM PL2E**

Maria Cecília G. Carvalho (PUC-Rio)  
[mcgcarvalho@gmail.com](mailto:mcgcarvalho@gmail.com)

Este trabalho aborda as formas aumentativas e diminutivas do português do Brasil, tendo em vista dois objetivos: (I) conhecer o tema sob três diferentes perspectivas: a de duas gramáticas de referência, uma para falantes nativos (Bechara, 2004) e outra para não-nativos (Perini, 2002), e a de um estudo acadêmico baseado na Gramática Funcional do Discurso (Alves, 2006); e (II) com vistas a contribuir para uma maior eficiência do processo de aprendizagem do português como segunda língua (PL2), apresentar uma proposta de ensino desse tópico para aprendizes estrangeiros em contexto de imersão no Brasil, com base no que será estudado na Seção I.

Nossa escolha por estudar as formas aumentativas e diminutivas do português encontra motivação em Perini (2002, p.562), que afirma serem de grande complexidade os usos que tais sufixos permitem ao falante. Para ele, essa questão constitui um interessante problema e deveria, portanto, ser estudada mais a fundo.

### **AUMENTATIVOS E DIMINUTIVOS NO PORTUGUÊS DO BRASIL**

Nesta seção, apresentamos resumidamente o tratamento dado às formas aumentativas e diminutivas por duas gramáticas distintas de nossa língua: a primeira, *Modern Portuguese: a reference grammar* (Perini, 2002), destinada a aprendizes de PLE e de PL2; a segunda, *Moderna gramática portuguesa* (Bechara, 2004), uma recente e respeitada obra de referência do português atual, para falantes nativos. Exporemos, além disso, o artigo de Alves (2006), intitulado “O diminutivo no português do Brasil: funcionalidade e tipologia”, que estuda os diminutivos sob a ótica da Gramática Funcional do Discurso. Por não termos encontrado um artigo relacionado aos aumentativos, que fosse tão significativo quanto aquele, limitaremos esta seção aos referidos trabalhos, e faremos desta falta uma motivação para fu-

turos estudos sobre os sufixos aumentativos. Por fim, procuramos ter observações críticas sobre cada abordagem apresentada.

É importante observar que focamos menos o aspecto morfológico do que o semântico em cada uma dessas abordagens, visto que nosso objetivo maior é estudar o valor e o emprego dos aumentativos e dos diminutivos, e não suas regras de formação.

Antes de descrevermos o tratamento dado por Perini (2002, p. 560-2), em sua gramática direcionada a falantes de inglês, às formas aumentativas e diminutivas do português moderno, é extremamente relevante ressaltar o comentário por ele feito ao fim do tópico em que trata da questão em xeque:

The above notes give only a slight idea of the complexity of the usages of which augmentatives and diminutives are capable. Unfortunately, this interesting problem has not been studied in depth, so that one can do is to mention the use of augmentatives and diminutives as one of the areas of Portuguese grammar deserving particular attention by the student (*Ibidem*, p.562).<sup>1</sup>

No capítulo sobre derivação e formação de palavras, ao estudar os sufixos, Perini (*ibidem*, p.558) aponta que seu objetivo é abordar apenas os usos produtivos de cada sufixo, observando que muitos deles podem aparecer em outras palavras, com outros significados, mas não produtivamente.

Os sufixos aumentativos apresentados são *-ão* e *-zão*. O autor (*ibidem*, p. 560) explica que expressam basicamente tamanho grande e, em seguida, expõe a regra geral segundo a qual esses sufixos são acrescidos aos nomes. Perini (*ibidem*) não deixa de afirmar que há muitos outros sufixos aumentativos, usados com determinados nomes, como *bocarra*, de *boca*, e também que algumas raízes podem sofrer mudança, como em *rapagão*, de *rapaz*. Isso o leva a concluir que a aprendizagem dos aumentativos do português é uma questão amplamente lexical, apenas em parte aperfeiçoável por regras. Por outro lado, observa ele (*ibidem*), na língua falada o acréscimo de *-ão*

---

<sup>1</sup> “As notas acima oferecem apenas uma idéia mínima da complexidade dos usos de que aumentativos e diminutivos são capazes. Infelizmente, esse interessante problema não tem sido estudado a fundo, de maneira que o máximo que se pode fazer é mencionar o uso dos aumentativos e diminutivos como uma das áreas da gramática portuguesa merecedoras de particular atenção pelo estudante” (tradução nossa).

e *-zão* é aceitável a quase todo nome, como, por exemplo, *rapazão* e *bocão*, formas bastante comuns na fala.

Segundo o lingüista (*ibidem*, p. 561), da mesma maneira, os diminutivos são muito usados na língua falada e sua formação não é sempre regular. Os mais comuns, ressaltados pelo autor (*ibidem*), são *-inho* e *-zinho*, cujo acréscimo também é possível a um grande número de palavras. Como fez com os aumentativos, Perini (*ibidem*) expõe as regras de formação das palavras diminutivas e esclarece, enfim, que tanto uma forma quanto a outra têm inúmeros significados secundários, além desse que expressa tamanho. Para os diminutivos, por exemplo, há uma tendência geral em expressar afeto, como em *meu benzinho*, *vou buscar um sorvetinho para você*.

Em seguida, o gramático (*ibidem*, p. 562) traz à baila o uso desses quatro sufixos acrescidos a adjetivos. O primeiro uso diz respeito ao diminutivo, que freqüentemente expressa intensificação ou ênfase de uma qualidade: *o cachorro estava quietinho*; *meu pé ficou geladinho*. Em contraposição, acrescido a outros nomes, atenua a qualidade expressa: *o barco dele é grandinho*. Os aumentativos também podem expressar intensificação da qualidade: *meu pé ficou quentão*. Além disso, quando acrescidos a nomes referentes, esses sufixos podem expressar apreciação da qualidade: *o Amaro é um professorzão*.

Como vimos na citação feita no início desta seção, Perini (*idibidem*) conclui o item acerca dos afixos aumentativos e diminutivos falando da complexidade do tópico e da necessidade de o estudarmos mais profundamente.

Ao expor as formas e funções dos substantivos, Bechara (2004, p. 140) aponta que estes “apresentam-se com sua significação aumentada ou diminuída, auxiliados por sufixos derivacionais: *homem*; *homenzarrão*; *homenzinho*”. O autor conclui tal explicação enfatizando que esse processo não se dá de forma sistemática, coerente e obrigatória, o que o caracteriza como derivação, e não flexão, como propõe a NGB.

Em seguida, Bechara afirma que

Fora da idéia de tamanho, as formas aumentativas e diminutivas podem traduzir o nosso desprezo, a nossa crítica, o nosso pouco caso para

certos objetos e pessoas, sempre em função da significação lexical da base, auxiliados por uma entoação especial (eufórica, crítica, admirativa, lamentativa etc.) e os entornos que envolvem falante e ouvinte: *poetas-tro*, *politicalho*, *livreco*, *padreco*, *coisinha*, *issozinho* (*ibidem*, p.141).

Nesses casos, diz o autor, os substantivos estão em sentido pejorativo. É curioso observar que o último exemplo é a sufixação derivacional de um pronome, e não de um substantivo. Já a idéia de pequenez, explica ele, associa-se “facilmente à de carinho que transparece nas formas diminutivas das seguintes bases lexicais: *paizinho*, *mãezinha*, *queridinha*”. Também aqui cabe ressaltar outro ponto: é certo que *queridinha* associa-se mais ao sentido pejorativo do que ao de carinho, como afirma o autor.

Em sua descrição dos advérbios, o gramático (*ibidem*, p.295) assim caracteriza as formas de intensificação dessa classe: “em linguagem familiar pode-se expressar o valor superlativo do advérbio pela sua forma diminutiva, combinada com o valor lexical das unidades que com ele concorrem: *andar devagarzinho*; *acordava cedinho*; *saiu agorinha*”, e explica que “o diminutivo das fórmulas de recomendação não indica mais lentidão ou ligeireza da realização do fato, mas serve de expressar ou acentuar a recomendação: *vá depressinha*; *estudes devagarinho*”. Podemos acrescentar também o uso da forma aumentativa de alguns advérbios para ênfase do sentido que ele carrega, como *cedão*, *tardão*, *malzão*, *benzão*, *rapidão* e outros, igualmente característicos de uma “linguagem familiar” (*ibidem*).

Mais adiante em sua obra, ao tratar da derivação sufixal, Bechara (*ibidem*, p. 361) lista os principais sufixos aumentativos e diminutivos, todos com um exemplo de uso no nível do vocábulo (“-ão, -zão: cadeirão, homenzão”), observando apenas, ao fim da listagem, que “muitas vezes [são] tomados pejorativa ou afetivamente”.

Em seu estudo sobre o diminutivo no português do Brasil, Alves (2006, p. 694) ressalta que o uso desse sufixo é um dos recursos morfológicos por meio dos quais “fatores conceituais e estratégias comunicativas também podem ser codificados na unidade lingüística *palavra*”. Segundo a autora,

Procura-se restituir à morfologia o devido lugar na expressão de noções semânticas e funcionais. Já que se trata de recursos morfológicos – e estes só se aplicam no nível da palavra –, pretende-se comprovar que essa unidade lingüística também pode ser alvo da expressão de realida-

des pragmáticas e discursivas, além de semânticas e morfossintáticas. (*ibidem*)

Ela (*ibidem*) observa, então, o que constatamos nas três gramáticas analisadas: é unânime a afirmação de que o sufixo *-inho* expressa diversos valores, como afetividade e avaliação, e não somente a noção de tamanho reduzido. Além disso, aponta que Câmara (1970) situa esse sufixo como subgrupo da idéia de grau, que abarca o superlativo, o aumentativo e o diminutivo.

Noções semânticas, pragmáticas e discursivas podem ser codificadas de duas formas, como explica a lingüista (2006, p.696): “ou por meios gramaticais (os chamados operadores) ou por meios lexicais (os modificadores)”. No português, há essas duas possibilidades para a categoria de intensificação: o operador *-inho* que se junta a um núcleo e o modifica (como na expressão sintética *casinha* = *casa* + *-inho*), e o modificador, que o faz na forma de um adjetivo (como na expressão analítica *casa pequena* ou *pequena casa*).

Percebemos, com isso, que há restrições sintáticas no nível da palavra, refletidas na ordem fixa lexema-sufixo, o que não ocorre no nível do sintagma, em que há a possibilidade de antepor o lexema *adjetivo* ao lexema *nome*. A autora (*ibidem*) ressalta que “essa alteração da ordem canônica N + Adj para Adj + N, no sintagma do português, baseia-se em fatores pragmáticos de focalização e ênfase e se reflete na estruturação, além de apresentar sutis alterações semânticas”. No entanto, “o sufixo *-inho* exclui a influência sintática, por ser do nível da palavra, e se restringe aos valores provenientes do sufixo de intensificação” (*ibidem*). Segundo Alves (*ibidem*, p. 697), embora a unidade *palavra* seja, em relação às unidades *sintagma*, *oração* e *texto*, menos receptível para a expressão de sentidos dentro do discurso, fatores pragmáticos e ilocucionários também atuam nela, por meio de elementos morfossintáticos, como o sufixo *-inho*.

A autora (*ibidem*) propõe haver particularidades no uso desse afixo que oferecem pistas para uma sistematização constituída de três diferentes morfemas: *-inho*<sup>1</sup>, *-inho*<sup>2</sup> e *-inho*<sup>3</sup>. Em suas palavras,

Dentro do contínuo de manifestações lingüísticas em torno do *-inho*, há uma seleção funcional, quer dizer, uma seleção dos primitivos (lexemas e sufixo) sob condições e propósitos distintos que se expressam em função de fatores cognitivos e de ilocução (*ibidem*, p.698).

Antes de sistematizar os possíveis usos de *-inho* conforme seus valores funcionais, Alves (*ibidem*) lembra que a Gramática Funcional do Discurso (Hengeveld, 2004 e 2005, e Hengeveld e Mackenzie, no prelo), na qual seu trabalho se fundamenta, relaciona os componentes não-lingüísticos ao elemento gramatical na medida em que suas influências agem, de alguma maneira, na codificação, ou seja, na expressão estrutural. Na Tabela 1, em anexo, apresentamos o agrupamento desenvolvido pela lingüista, com grifos e adaptações nossos (*ibidem*).

Na expressão do valor funcional de intensificação, a autora (*ibidem*, 700) observa que é possível haver um apagamento tal dos valores semânticos de origem que, em alguns casos, desprezo ou crítica podem ser expressos tanto pela forma diminutiva quanto pela aumentativa. É o caso de *bobão* e *bobinho*, pois ambos indicam avaliação, o que legitima o postulado de uma supercategoria de intensificação.

Em suma, o estudo de Alves (*ibidem*) organiza os usos do sufixo diminutivo seguindo padrões funcionalistas, de acordo com valores semânticos e valores pragmáticos. O fenômeno lingüístico analisado é, como vimos, lexical e gramatical, e beneficia-se de fatores extra-lingüísticos, como os interlocutores e a situação comunicativa. Tal análise dos diminutivos confirma que o Ato do Discurso se realiza tanto em unidades maiores, como *texto*, *episódio* e *oração*, quanto na unidade menor, *palavra*. Por fim, a autora (*ibidem*) justifica “a distinção entre três sufixos de *-inho* por sua diversidade funcional e discursiva e pela consideração da língua falada, com o fim de propiciar uma descrição adequada da língua portuguesa em uso”.

*Modern Portuguese: a reference grammar* (Perini, 2002) a nosso ver, trata as formas aumentativas e diminutivas do português do Brasil de maneira adequada e coerente, focando a língua em uso. O gramático dedica uma seção da obra exclusivamente a tais formas, indicando suas diversas possibilidades de utilização, com seus respectivos contextos, funções e formas.

Por outro lado, *Moderna gramática portuguesa* (Bechara, 2004), apesar de ser bastante atual, aborda os aumentativos e os diminutivos sob um prisma tradicional, e os inclui apenas como possíveis formas das classes de palavras dos substantivos e, às vezes, dos

advérbios. O autor não se preocupa em trazer à tona todos os usos dos sufixos em questão. Ao descrever a classe dos adjetivos, por exemplo, Bechara (*ibidem*, p. 150) aponta três tipos de gradação na qualidade expressa por esse lexema: o positivo (*o rapaz é **cuidadoso***), o comparativo (*o rapaz é **mais cuidadoso que os outros***) e o superlativo, que pode ser relativo (*o rapaz é **o mais cuidadoso dos pretendentes***), absoluto analítico (*o rapaz é **muito cuidadoso***) ou absoluto sintético (*o rapaz é **cuidadosíssimo***). Nesses dois últimos casos, não seria importante apontar a utilização dos sufixos aumentativos e diminutivos para graduar a qualidade expressa por grande parte dos adjetivos (*magrinho; gordão; gordinho; espertinho; bonitão; bonitinho; engraçadão; engraçadinho etc.*)?

O estudo de Alves (2006) explica as formas em xeque de acordo com suas funções e seus valores, partindo da dimensão maior para a menor, isto é, do enunciado para a palavra, e desta para o morfema. Parece-nos não haver abordagem melhor do que esta, que leva em consideração todos os fatores de influência sobre a língua: cultura, falantes, situação e outros.

## ENSINO DOS AUMENTATIVOS E DIMINUTIVOS EM PL2E

Nesta seção apresentaremos, a partir do que foi estudado no item anterior, uma proposta de ensino dos sufixos aumentativos e diminutivos para aprendizes estrangeiros do português, em contexto de imersão no Brasil. Para tanto, simularemos um capítulo de um livro didático tratando do tópico.

Por conta terem valor mais afetivo do que lógico, como atestam Cunha e Cintra (1985, p. 88), Barreiro, Pereira e Santos (1993, p. 10) explicam que não há critérios rígidos para a formação de palavras com sufixos aumentativos e diminutivos. Assim, “estas palavras muito raramente fazem parte da lista de entradas lexicais de um dicionário normal” (*ibidem*). Tal afirmação nos remete a Perini (2002, p. 560), quando ressalta que a aprendizagem desses afixos é essencialmente lexical, “apenas em parte aperfeiçoável por regras”. Deste modo, tendo seu uso ligado estreitamente ao contexto extralingüístico, nossa proposta focará estudantes de nível adiantado, já que têm, provavelmente, maior intimidade com os fatores que transcendem

nossa gramática, mas que incidem sobre ela, como cultura, situação, falantes etc.

Fundamentaremos o trabalho na lingüística funcionalista, uma vez que esta teoria leva em conta não apenas os elementos estruturais da língua, mas também aqueles fatores que vão além dela. Partiremos da noção de que significados são estabelecidos a partir da inter-relação entre os níveis pragmático, semântico e sintático (Dik, 1981), e entre as três principais funções da linguagem, propostas por Halliday (1974), a interpessoal, a ideacional e a textual.

Por conta da limitação de espaço e do amplo número de significados possíveis de serem produzidos com o uso dos aumentativos e dos diminutivos, abordaremos apenas dois casos: *-inho* imprimindo afeto e *-ão* intensificando qualidade. Esses dois valores e empregos serão apresentados, então, como exemplos de como todos os outros usos dos afixos em questão poderiam ser tratados num livro didático de PL2E.

*Proposta de ensino dos aumentativos e diminutivos  
(simulação de capítulo de um livro didático de PL2E)*

Na primeira tirinha (Figura 1 em anexo), a cárie personificada, que tenta perfurar os dentes da Mônica, utilizou-se do *aumentativo* “**dentões**” para expressar a idéia de que os **dentes** da menina são, além de grandes, fortes, portanto impossíveis de serem perfurados. Já na segunda tira (Figura 2 em anexo), a mãe da Mônica a chama pelo *diminutivo* “**filhinha**”, não pelo fato de a menina ser pequena, mas para transmitir seu afeto e carinho por ela.

Observe a letra da canção “Coisa bonita”, gravada por Roberto Carlos:

*Amo você assim e não sei por que tanto sacrifício  
Ginástica, dieta não sei pra que tanto exercício  
Olha, eu não me incomodo  
Um **quilinho** a mais não é antiestético  
Pode até me beijar, pode me lambar  
que eu sou dietético...*

Essa música de Roberto e Erasmo Carlos foi feita para as pessoas que são, digamos, **gordinhas**. Usamos a forma diminutiva de

“**gordas**” por conta de seu valor afetivo: “**gordinhas**” é um termo mais delicado do que “**gordonas**”, seu aumentativo, ou mesmo do que **gordas**. Nesse caso, portanto, o diminutivo não transmite necessariamente a idéia de tamanho, e sim de algo delicado, suave, afetivo, como fizeram os compositores com a palavra “**quilinho**”. Na verdade, não pode haver um **quilo** menor do que outro **quilo**. Os compositores se utilizaram do diminutivo desta palavra para imprimir delicadeza, suavidade e afeto em seu significado.

Agora leia o texto da jornalista Martha Medeiros, sobre o significado do aumentativo de **mulher**, “**mulherão**”:

*(O) Mulherão*

Peça para um homem descrever um mulherão.

Ele imediatamente vai falar no tamanho dos seios, na medida da cintura, no volume dos lábios, nas pernas, bumbum e cor dos olhos. Ou vai dizer que mulherão tem que ser loira, 1,80m, siliconada, sorriso colgate. Mulherões, dentro deste conceito, não existem muitas: Vera Fischer, Malu Mader, Letícia Spiller, Adriane Galisteu, Luma de Oliveira e Bruna Lombardi.

Agora pergunte para uma mulher o que ela considera um mulherão. Aí, a gente descobre que tem uma em cada esquina, que tem um montão delas por aí.

Mulherão é aquela que pega dois ônibus para ir para o trabalho e mais dois para voltar, e quando chega em casa encontra um tanque lotado de roupa e uma família morta de fome.

Mulherão é aquela que vai de madrugada para a fila garantir matrícula na escola e aquela aposentada que passa horas em pé na fila do banco para buscar uma pensão de 100 reais.

Mulherão é a empresária que administra dezenas de funcionários de segunda a sexta-feira, e uma família todos os dias da semana.

Mulherão é quem volta do supermercado segurando várias sacolas depois de ter pesquisado preços e feito malabarismo com o orçamento.

Mulherão é aquela que se depila, que passa cremes, que se maquia, que faz dieta, que malha, que usa salto alto, meia-calça, ajeita o cabelo e se perfuma, mesmo sem nenhum convite para ser capa de revista.

Mulherão é quem leva os filhos na escola, busca os filhos na escola, leva os filhos na nataçao, busca os filhos na nataçao, leva os filhos para cama, conta histórias, dá um beijo e apaga a luz.

Mulherão? É aquela mãe de adolescente que não dorme enquanto ele não chega, e que de manhã bem cedo já está de pé, esquentando o leite.

Mulherão é quem leciona em troca de um salário mínimo, quem faz serviços voluntários, é quem colhe uva, é quem opera pacientes, é quem lava roupa para fora, é quem bota a mesa, cozinha o feijão e à tarde trabalha atrás de um balcão.

Mulherão é quem cria filhos sozinha, quem dá expediente de oito horas e enfrenta menopausa, TPM e menstruação.

Mulherão é quem sabe onde cada coisa está, o que cada filho sente e qual o melhor remédio para azia.

Mulherão é quem, se ainda sobrar um tempinho, espreme as espinhas do marido, arranca os pelos encravados da barba dele, está sempre disposta a uma noite de amor.

Lumas, Brunas, Carlas, Luanas, Feiticeiras e Sheilas: mulheres notas 10 no quesito lindas de morrer, mas mulherão, mulherão mesmo, é aquela que mata um leão por dia, enquanto carrega pedras nos intervalos.

Assim como a cárie da Mônica utilizou-se do aumentativo “**dentões**” para intensificar a qualidade dos **dent**es da menina, Me-deiros recorreu à forma aumentativa de **mulher**, **mulherão**, para intensificar qualidades que vão além daquelas que os homens costumam atribuir a **um mulherão**. Em outras palavras, a jornalista mostra que **um mulherão** não é apenas **uma mulher** bonita, com belos atributos físicos, mas também uma espécie de heroína do cotidiano, capaz de trabalhar, estudar, cuidar da casa, dos filhos, dar atenção ao marido e, ainda, manter-se atraente.

Em suma, percebemos que *-inho* pode imprimir, dentre outras, a noção de afeto, suavidade e delicadeza ao significado da palavra de base. Já o sufixo *-ão* pode, além de outras funções, intensificar o valor da palavra a que é acrescido. Esses são apenas alguns exemplos dos inúmeros significados que podemos expressar por meio do acréscimo de sufixos aumentativos e diminutivos às palavras. Eles possuem diversas formas, mas as principais são *-ão* / *-zão* e *-inho* / *-zinho*, que variam em número e gênero, conforme mostra a Tabela 2, em anexo.

Agora você deve estar se perguntando por que a autora usou o aumentativo masculino “**mulherão**” de uma palavra feminina, “**mulher**”. Acontece que, em geral, tanto o aumentativo dos substantivos masculinos quanto o dos femininos é formado com o sufixo masculi-

no *-ão*, como *a parede – o paredão* e *a janela – o janelão*. O sufixo feminino *-ona* costuma ser acrescido apenas aos adjetivos femininos, como *bonita – bonitaona* e *solteira – solteirona*.

Antes de partirmos para alguns exercícios, tenha em mente que os aumentativos e os diminutivos na língua portuguesa não têm uma formação regular. Assim, apenas o máximo contato com a língua permitirá que você aprenda a utilizar adequadamente essas formas.

1) Observe o *layout* anexo (Figura 3) e comente por que o site escolheu o termo *Só Carrão* como nome.

2) Correlacione as duas colunas de acordo com as funções dos sufixos de cada palavra em destaque:

<input type="checkbox"/> Vou buscar um <b>sorvetinho</b> pra você.	<input type="checkbox"/> Imprime delicadeza e pode, também, referir-se ao tamanho.
<input type="checkbox"/> Ele tem um <b>casarão!</b>	<input type="checkbox"/> Suaviza.
<input type="checkbox"/> Amaro é um <b>professorzão</b> .	<input type="checkbox"/> Refere-se ao tamanho.
<input type="checkbox"/> Aquela menina é <b>feinha</b> .	<input type="checkbox"/> Intensifica.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante o desenvolvimento deste trabalho, ficou claro para nós que o assunto em xeque é muito mais complexo do que aparenta à primeira vista. Este quadro se intensificou quando tivemos de elaborar uma proposta de ensino do tópico. Além disso, encontramos pouquíssima produção que pudesse nos auxiliar.

Portanto, este estudo fará parte de um trabalho futuro, que procurará levantar a complexidade dos usos de que os sufixos aumentativos e diminutivos são capazes no português do Brasil. Nosso principal objetivo será uma formalização semântico-funcional de tais formas, tomando por base teórico-metodológica o funcionalismo de Halliday (1974). Abordaremos apenas os sufixos produtivos na língua falada, focando o uso dessas formas por aprendizes estrangeiros em contexto de imersão no país. Portanto, os afixos estudados serão *-ão / -zão* e *-inho / -zinho*. De que forma são utilizados? Em que contextos? Com que significados? Por que tipos de falantes? Em que variedades da língua?

As respostas para estas perguntas são, em geral, claras para o falante nativo do português. Entretanto, são obscuras para o aprendiz estrangeiro, que acaba por demandar grande esforço numa tentativa, quase sempre frustrante, de apreender e utilizar essas formas no português. Pretendemos, então, por meio de uma sistematização desses afixos, contribuir para uma maior eficiência do processo de ensino-aprendizagem do português como segunda língua para estrangeiros (PL2-E), bem como para uma reflexão acerca de nossa língua materna que leve em conta o prisma do estrangeiro e nos permita, assim, estranhá-la e compreendê-la em todos os seus aspectos.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Elisabeth. O diminutivo no português do Brasil: funcionalidade e tipologia. **In:** *Estudos Lingüísticos*, XXXV, 2006, p. 694-701.

BARREIRO, Anabela; PEREIRA, Maria de Jesus & SANTOS, Diana. Tratamento de aumentativos e diminutivos. **In:** ——. *Crítérios e opções lingüísticas no desenvolvimento do Palavroso, um sistema computacional de descrição morfológica do português*. Grupo de Linguagem Natural do INESC: INESC, 1993. Disponível em <http://www.linguateca.pt/Diana/download/criterios.pdf>

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 37<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

CUNHA, Celso & CINTRA, Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

CUNHA, Celso. *Gramática da língua portuguesa*. 7<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro: FENAME, 1980.

PERINI, Mário A. *Modern Portuguese: a reference grammar*. Yale: Yale University Press / New Haven and London, 2002.

## ANEXO

Tabela 1

Expressão representacional	Expressão de ilocução	
-inho <sup>1</sup>	-inho <sup>2</sup> e -inho <sup>3</sup>	
Ex.: <i>casinha; novinha; peixinho</i>	Ex.: <i>Joãozinho; benzinho; unzinho; tchauzinho; obrigadinha; um minutinho</i>	
<b>propriedade inerente</b>	<b>propriedade atribuída</b>	
valor semântico: operador de <b>intensificação</b>	valor pragmático: operadores de <b>subjetividade, afetividade, avaliação, mitigação, crítica...</b>	
operador no nível da palavra ( <b>nível representacional</b> )	operador no nível do Ato do Discurso ( <b>nível interpessoal</b> )	
categoria de base: N, Adj	sem restrição de categoria de base	
função: <b>modificação de núcleos substantivos e adjetivais</b>	função: <b>estratégias comunicativas</b> , por meio de modificação interpessoal	
entonação neutra	entonação marcada	
	-inho <sup>2</sup>	-inho <sup>3</sup>
	ex.: <i>Joãozinho; benzinho; unzinho</i>	ex.: <i>tchauzinho; obrigadinha; um minutinho</i>
	<b>avaliação/julgamento do falante frente à entidade:</b> tamanho, valor, afetividade, desprezo	<b>avaliação/julgamento frente à situação comunicativa e ao ouvinte:</b> ironia, polidez, mitigação e outros

Tabela 2

Aumentativos	Sufixo -ão	Ex.: filho	Sufixo -zão	Ex.: pai e mãe
Masculino	-ão	<b>filhão</b>	-zão	<b>paizão</b>
Feminino	-ona	<b>filhona</b>	-zona	<b>mãezona</b>
Diminutivos	Sufixo -inho	Ex.: filho	Sufixo -zinho	Ex.: pai e mãe
Masculino	-inho	<b>filhinho</b>	-zinho	<b>paizinho</b>
Feminino	-inha	<b>filhinha</b>	-zinha	<b>mãezinha</b>

Figura 1



Copyright © 2000 Mauricio de Sousa Produções Ltda. Todos os direitos reservados.

5880

Figura 2



Copyright © 2001 Mauricio de Sousa Produções Ltda. Todos os direitos reservados.

5165

Figura 3

